

Um olhar sobre o Sertão Goiano na Ótica da Alimentação, Saúde e Doença

*A look at the Goiás Hinterland in Feedings, Health and
Disease Optics*

**Ana Carolina Eiras Coelho
Soares**

Professora Adjunta do Programa
de Pós-Graduação em
História/Faculdade de História
Universidade Federal de Goiás;
Coordenadora do GT regional de
Gênero - Seção Goiás e
Coordenadora do Grupo de
Estudos e Pesquisas em
Gênero/FH-UFG/CNPq).

hanaakif@hotmail.com

MAGALHÃES, Sônia Maria. Males do Sertão: Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014. Resenha de: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Um olhar sobre o Sertão Goiano na Ótica da Alimentação, Saúde e Doença. *FRONTEIRAS: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, Anápolis-Goiás, v.3, n.2, jul.-dez. 2014, p.272-274.

O “sertão doente” e a “fartura do sertão”. São nas frestas das ambiguidades das imagens construídas em Goiás que o livro de Sônia Magalhães embrenha-se. A professora do Programa de Pós-Graduação e da Faculdade de História da UFG e coordenadora do GT História da Saúde e das doenças/ANPUH- Seção

Goiás, em uma narrativa clara, envolvente e muitas vezes poética, nos convida a embarcar em uma investigação sherlockiana comparativa entre diferentes fontes: os discursos dos viajantes, relatórios médicos, diários de dietas, mapas, registros de óbitos; prontuários; documentação oficial de presidentes de província. A temática, já explorada em outros trabalhos acadêmicos, encontrou um viés entre a história econômica e a história social contundente e reveladora da vida em Goiás no século XIX. Incansável na investigação das crises de abastecimento, nas possibilidades alimentares encontradas pela população em uma economia de subsistência e nas relações tecidas e consagradas entre alimentos, enfermidades e saúde nos discursos de época, a autora nos propõe uma viagem ao passado de um sertão dividido entre as tentativas de “civilizar-se” e as práticas possíveis da realidade de carestia e moléstias do cerrado.

O livro se divide em três partes: “O problema alimentar e as doenças reinantes no Brasil”, “Alimentação e enfermidades em Goiás” e “Assistentes, saúde e agentes a serviço da cura”.

A alimentação – suas possibilidades, a escassez de produtos como a carne devido a uma atividade exportadora para as províncias de Minas Gerais, São Paulo e Bahia, demonstram que as rotinas alimentares eram mescladas pela escassez de produtos e pela necessidade simbólica e política de aparentar fartura e opulência, em jantares e ocasiões especiais, nas quais eram servidos vinhos, uvas moscatel e diversos pratos, conforme os padrões de civilidade da Capital. A fartura ocultando a miséria do cotidiano goiano.

Os diários de dieta do Hospital da Caridade São Pedro de Alcântara revelam uma realidade muito mais humilde. O milho e a mandioca eram os ingredientes fundamentais, servidos frescos ou como farinha, na composição de pratos. A farinha de trigo era produto escasso no mercado goiano, o que contradiz a noção de civilização e importação de costumes que Gilberto Freyre ressaltava em “Casa-Grande e Senzala” ao sinalizar a gradativa substituição das farinhas de mandioca e milho, com a importação e produção cada vez mais constantes do trigo, em uma “civilização” dos sabores europeus. A Europa no Sertão ocupa o espaço das aparências. O dia-a-dia era marcado pelo milho, feijão, mandioca, arroz, carne-seca e verduras (no espaço rural) e carne-seca e fresca, café e hortaliças (no espaço urbano). Os enfermos tinham acesso a carne bovina e toucinho refogado com vinagre e sal.

A contemporaneidade dos problemas ainda enfrentadas na área da saúde, como a falta de médicos e a condição alternada entre “centro” do país e periferia do poder revelam as ambigüidades que Goiás enfrentava/enfrenta em um país elitista, excludente e marginalizador de regiões no processo de construção do Estado Nacional. Problemas de ontem, heranças de hoje. Acompanhamos com angústia os esforços de Vicente Foggia (médico “quase formado”, mas que

exerceu a arte de curar no Brasil) e os médicos licenciados na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: Theodoro Rodrigo de Moraes e Francisco Antonio de Azeredo em seus empenhos e dedicação às melhorias no sistema de saúde e prevenção de doenças. Podem-se ressaltar, por exemplo, as tentativas de campanhas de vacinação, os esforços para a construção de um cemitério público em local adequado e salubre, as medidas para conter a epidemia de varíola em Cuiabá em 1852. A autora verifica-se um amplo espaço de poder e prestígio político destes senhores. Houve concomitantemente a institucionalização do saber médico, prática difundida em todo o Império ao longo do século XIX e as frustradas investidas em impedir a atuação dos charlatões – conforme decreto elaborado pela Sociedade de Medicina que transformou as academias “médico-cirúrgicas” em escolas e faculdades de Medicina – e as constantes reclamações ao Inspetor de Saúde e medidas governamentais. No entanto, a falta de médicos e a tradição do uso de medicação indicada por farmacêuticos eram contradições constantes no cotidiano oitocentista no Brasil.

Caras/os leitoras/es sugiro que vocês apertem os cintos e divirtam-se ao abrirem as páginas escritas por Sônia Magalhães. O passeio pelas terras do sertão é garantido e os sabores dos alimentos – escassos e limitados – produziram pratos que até hoje, na criatividade típica da carestia, embelezam as mesas goianas e são iguarias deliciosas da cultura alimentar regional. As doenças e suas conseqüências para a população são momentos dramáticos que acompanhamos como um filme, na qual já sabemos o final, mas temos esperança que o “diretor” tenha escolhido outra edição. Em história, sabemos que isso não é uma possibilidade. Mas tenho certeza que o estudo feito sobre alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX aprofunda e elucida um passado que precisa muito mais que ser superado, mas preservado, valorizado em todas as suas dificuldades, para que análise historiográfica da saúde e das doenças faça o seu papel social de crítica à imagem de um “sertão doente” cheio de males, enfermidades e pobreza. A beleza do cerrado nasce em meio à seca. E as goianidades demonstram que o sertão é muito menos periferia de um país civilizado, e muito mais, o centro de uma mescla entre tradições e modernidades importadas.

Referências

- Freyre G 1999. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal. Rio de Janeiro, Record.
- Magalhães SM 2014. *Males do Sertão: Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Goiânia: Cãnone Editorial.